

# A ABORDAGEM DO EMPREENDEDORISMO NOS CURSOS DE GRADUAÇÃO DAS REGIÕES PLANALTO E NORTE DO ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL

The entrepreneurship approach in graduation courses of the north and plateau regions in the state of Rio Grande do Sul

Silvan Carlos Puerari<sup>1</sup>; Milena Carla Spazzini<sup>1</sup>; Gabriel Henrique dos Santos Jorosczniski<sup>1</sup>; Fernando Sergio Mazon<sup>2</sup>

<sup>1</sup> Acadêmicos do Curso de Administração da URI Erechim. E-mail: silvanpuerari@hotmail.com

<sup>2</sup> Professor do Curso de Administração da URI Erechim. E-mail: fernando.mazon@yahoo.com.br

Data do recebimento: 10/02/2017 - Data do aceite: 05/05/2017

**RESUMO:** O empreendedorismo é defendido como uma possível solução para os problemas sociais e, segundo diversos autores, pode ser ensinado em escolas e universidades. Por isso, este artigo tem o objetivo de investigar a abordagem do empreendedorismo nos cursos de graduação das universidades localizadas nas regiões Planalto e Norte do estado do Rio Grande do Sul. O referencial teórico apresenta alguns conceitos básicos acerca do empreendedorismo. O estudo se constitui de uma pesquisa descritiva, com a utilização de dados secundários coletados nas páginas das universidades na internet. Constatou-se que há uma concentração dos cursos em três áreas do conhecimento e que mais de metade dos cursos não oferece nenhuma disciplina de empreendedorismo aos acadêmicos.

**Palavras-chave:** Empreendedorismo. Empreendedor. Cursos de graduação.

**ABSTRACT:** Entrepreneurship is said to be a possible solution to social problems and, according to several authors, it can be taught in schools and universities. Therefore, the aim of this article is to investigate the entrepreneurship approach in graduation courses at universities located at Plateau and North regions of the state of Rio Grande do Sul. The theoretical background presents some basic concepts about entrepreneurship. The study consists of a descriptive research, with the use of secondary data collected from the universities' web pages. It was found that there is a concentration of courses in

three areas of knowledge and that more than half of the courses do not offer any discipline of entrepreneurship to the academics.

**Keywords:** Entrepreneurship. Entrepreneur. Graduation Courses.

## Introdução

O empreendedorismo é defendido por pesquisadores, autoridades públicas e civis, como uma oportunidade para desenvolver pessoas, negócios, cidades, regiões e países, o que poderia auxiliar na solução de alguns dos problemas sociais que a humanidade enfrenta na atualidade.

No Brasil, o empreendedorismo passou a ser a “palavra do momento” e há várias instituições que realizam atividades com o intuito de estimulá-lo e disseminá-lo. Merecem destaque, neste sentido, as atuações do SEBRAE (Serviço Brasileiro de Apoio à Micro e Pequena Empresa) e da Endeavor/Brasil.

Em virtude do destaque conferido ao empreendedorismo e do pressuposto que ele pode ser aprendido e, portanto, ensinado, a Endeavor e o SEBRAE realizaram em 2016 a quarta edição da pesquisa “Empreendedorismo nas Universidades Brasileiras”. A referida pesquisa permitiu traçar um perfil de como o empreendedorismo vem sendo trabalhado nas universidades e, também, como é percebido por parte de alunos e professores.

As universidades são agentes importantes na disseminação do conhecimento e na promoção do desenvolvimento das regiões em que estão inseridas. Estudar instituições de ensino de uma região específica pode proporcionar constatações acerca da abordagem desenvolvida pelos cursos de graduação sobre o tema empreendedorismo e contribuir para a formação de empreendedores.

Com base nisto, este trabalho apresenta conceitos acerca do empreendedorismo, relacionando com o ensino na escola, notadamente nos cursos de graduação. Além disso, tem por objetivo comparar os dados coletados nos cursos de graduação das regiões Planalto e Norte do Rio Grande do Sul com os resultados apontados pela pesquisa Endeavor/SEBRAE no que se refere à ênfase no empreendedorismo conferido pelos cursos de graduação.

## Empreendedorismo

Várias são as definições para os termos “empreendedor” ou “empreendedorismo”. O empreendedorismo é um neologismo derivado da livre tradução da palavra *entrepreneurship* e utilizado para designar os estudos relativos ao empreendedor, às suas características e à sua atuação. (DOLABELA, 1999).

Hisrich e Peters (2004) entendem que o termo empreendedorismo seria derivado do francês *entrepreneur*. Originalmente, teria como significado “o que está no meio” ou “entre compradores”. Siqueira e Guimarães (2002) complementam que a palavra *entrepreneur*, utilizada já no século XVIII e derivada do verbo francês *entreprendre*, significava assumir empreitadas que exigiam muito esforço, referindo-se a pessoas que organizavam e lideravam expedições militares. Entretanto, desde a Idade Média, o conceito esteve relacionado ao ato de assumir riscos, principalmente em atividades comerciais. (BECKER E LACOMBE, 2003).

O economista e cientista político Joseph Alois Schumpeter não foi o criador do termo empreendedorismo, mas foi quem impulsionou o tema. Para ele, o empreendedor está associado à inovação e ao desenvolvimento econômico. Na concepção de Schumpeter (1982), a inovação é o fenômeno principal do desenvolvimento econômico e o empreendedor tem a função de realizar essa inovação.

O autor entende que o empreendedorismo é um processo de “destruição criativa”, fazendo com que os produtos ou métodos de produção existentes sejam destruídos e substituídos por novos. Seriam papéis do empreendedor: a inovação, a assunção de riscos e o permanente rompimento dos paradigmas estabelecidos. Por meio de suas ações inovadoras, da assunção dos riscos e do rompimento dos paradigmas existentes, o empreendedor pode introduzir discontinuidades cíclicas na economia e, assim, impulsionar o desenvolvimento econômico em âmbito micro ou macrorregional. (SCHUMPETER, 1982).

Barreto (1998) segue a mesma linha de raciocínio de Schumpeter (1982) e entende que o empreendedorismo é habilidade de criar e constituir algo a partir de muito pouco ou de quase nada. É o desenvolvimento de uma organização em oposição a observá-la, analisá-la ou simplesmente descrevê-la.

Alguns autores complementaram as ideias de Schumpeter (1992), que tinha seus estudos pautados essencialmente sob o prisma econômico, ao focarem suas pesquisas nos aspectos comportamentais, ou seja, como o perfil e as características pessoais fazem com que uma pessoa se torne um empreendedor. Dolabela (1999) descreve que o pesquisador que verdadeiramente iniciou a contribuição das ciências do comportamento para o estudo do empreendedorismo foi David C. McClelland, ao afirmar que os empreendedores possuíam uma grande necessidade de realização e, com

isso, tinham a motivação para empreender. (McCLELLAND, 1965).

Em uma abordagem menos economicista e mais comportamental, Dolabela (2010) descreve que o empreendedor é alguém que sonha e busca transformar seu sonho em realidade e em riqueza. Desta forma, o empreendedor não necessariamente seria um “criador” de empresas, mas alguém capaz de colocar em prática os objetivos ou motivações pessoais ou coletivas.

Muitos defendem o empreendedorismo como um mecanismo para o crescimento econômico e como uma possível solução para os problemas sociais. Neste sentido, sua compreensão e seu estímulo são importantes para as instituições. North (1990) enfatiza que as instituições podem ser compreendidas como “regras do jogo” em uma sociedade e, formalmente, são as limitações idealizadas pelo homem, as quais dão forma e regem a interação humana. Estas “regras do jogo” seriam os direitos de propriedade, o direito comercial, os trâmites burocráticos para a abertura de empresas, ideias, crenças, valores, o que afetaria a criação e o desenvolvimento de novos empreendimentos.

North (1990) ainda descreve que as instituições têm o propósito de reduzir as incertezas próprias da interação humana. Para o autor, essas incertezas existem em consequência da complexidade dos problemas a serem resolvidos. Já Toyoshima (1999) entende que as instituições têm como papel principal reduzir as incertezas existentes no ambiente, criando estruturas estáveis que regulem a interação entre os indivíduos.

O processo de empreender inicia quando uma ou mais pessoas reconhecem uma oportunidade como potencial para criar algo novo (produtos, serviços, processos de produção, gestão, etc). As oportunidades surgem por meio de condições de mudança - cenário social, político, econômico e demográfico - e

devem ter potencial para gerar valor econômico, pois é muito valorizado na sociedade atual. (BARON; SHANE, 2011).

Dolabela (1999) defende que o empreendedorismo deve ser estimulado em virtude do decréscimo contínuo de postos de trabalhos no mundo inteiro. Para que isso seja possível, Dornelas (2001) cita que uma das soluções pode ser encontrada no sistema educacional, por meio da oferta de cursos e matérias de empreendedorismo. Esta seria uma alternativa principalmente aos jovens, que estão iniciando sua carreira profissional.

Com isso, as escolas e universidades assumem um papel central na difusão do empreendedorismo, sendo responsáveis pela criação e preparação de empreendedores, dando a eles o conhecimento e o suporte adequados. Os objetivos, neste caso, seriam de mostrar ferramentas que auxiliem no alcance do sucesso, contribuindo para o crescimento do país, além de incentivar as pessoas (especialmente os jovens) a criarem seu próprio negócio ou empreenderem nas organizações em que atuam, o que Dolabela (2003) denomina de intraempreendedorismo.

Jones e English (2004) entendem que é necessário que as pessoas detenham habilidades empresariais e capacidade para lidar com os desafios atuais da vida e um futuro incerto. Seja na escolha da carreira ou outras situações pessoais, os indivíduos podem se beneficiar do aprendizado do empreendedorismo, habilitando-se a resolver problemas, adaptando-se mais facilmente às mudanças.

Para formar novos empreendedores, é importante focar na identificação e no entendimento das suas habilidades. Em uma concepção mais empresarial, a mesma ênfase deve ser dada à inovação e sua importância no processo empreendedor, à utilização de um plano de negócio, identificação de fontes para obter financiamentos, na gestão promover o crescimento orgânico da empresa

(DORNELAS, 2001). No entendimento do autor, estes seriam temas (ou disciplinas) que deveriam ser abordados para a formação empreendedora em escolas e universidades.

O contexto atual é propício ao surgimento cada vez maior de empreendedores e por isso a capacitação para tal é prioridade em vários países. No Brasil, por exemplo, é crescente o número de disciplinas de empreendedorismo nos ensinos técnico e universitário. (DORNELAS, 2008).

Dolabela (1999) descreve, para o caso brasileiro, alguns motivos para o ensino do empreendedorismo. Os principais seriam: as grandes mudanças nas relações de trabalho; a não adequação do ensino tradicional para a formação de empreendedores; as relações universidade-empresa ainda incipientes no Brasil; a insuficiente percepção da importância das PME's (pequenas e médias empresas) para o desenvolvimento econômico; e, a necessidade das organizações por profissionais empreendedores e a cultura da "grande empresa" que predomina no ensino profissionalizante e universitário.

Para Jones e English (2004), o ensino de empreendedorismo é uma inovação educacional importante que estimula um processo de aprender a empreender. Dolabela (1999) destaca, ainda, que é necessário criar uma cultura empreendedora na sociedade, e, para isso, o tema empreendedorismo precisa ser apresentado e discutido desde os primeiros níveis da educação. Os alunos devem ser educados com base em valores de autonomia, de independência, capacitando-os para inovar, assumir riscos e atuar em ambientes de instabilidade, como os que a sociedade vivencia na atualidade.

Este artigo foi elaborado com a utilização de pesquisas descritiva, bibliográfica e exploratória. A primeira pesquisa descreve as características de determinada população ou fenômeno ou então, estabelece relações

entre variáveis (GIL, 2006). De acordo com Vergara (2009), tal tipologia não objetiva explicar os fenômenos que descreve, embora sirva de base para a explicação.

O trabalho utiliza-se de parte da Pesquisa Endeavor/SEBRAE sobre o “Empreendedorismo nas Universidades Brasileiras”, edição do ano de 2016 (quarta edição). Tal pesquisa se constitui no mais completo e atualizado estudo identificado no gênero e tem como principal objetivo conscientizar as instituições de ensino superior sobre seu poder de contribuir com o desenvolvimento econômico e social do Brasil, atuando como agentes-chave do desenvolvimento do ecossistema empreendedor local. Neste trabalho, a Pesquisa Endeavor/SERAE é utilizada como subsídio para a descrição e análise comparativa das informações coletadas.

O estudo da Endeavor/SEBRAE contemplou instituições públicas e privadas e foram entrevistados acadêmicos e professores de todo o território nacional. A realização deste trabalho abordou apenas os itens considerados relevantes para a replicação da pesquisa original, além da realização de um recorte regional e da utilização de dados secundários. A escolha da região do estudo se deu pela proximidade geográfica e buscou contemplar todos os cursos de graduação presenciais existentes na região de abrangência.

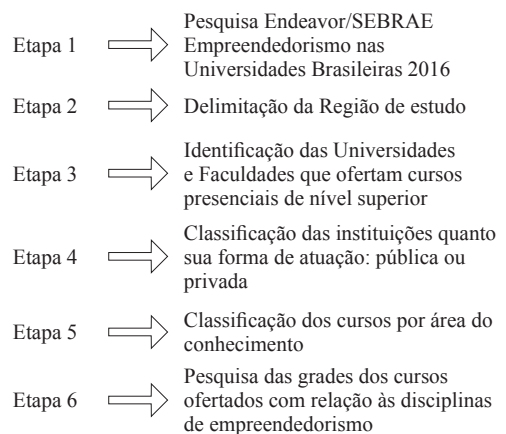
A pesquisa descritiva foi utilizada para a caracterização da região de estudo, que contemplou dois COREDES (Conselhos Regionais de Desenvolvimento) do Rio Grande do Sul, sendo eles os Coredes Norte e Produção, compostos respectivamente por 32 e 23 municípios. A partir desta classificação regional, foram identificados os municípios em que há instituições que oferecem cursos de graduação presenciais, com no mínimo três anos de duração. Identificou-se a oferta deste tipo de curso em instituições de ensino superior de dois municípios do Corede Norte

(Erechim e Getúlio Vargas) e três do Corede Produção (Carazinho, Marau e Passo Fundo).

O passo seguinte foi identificar se as instituições são públicas (mantidas com recursos do governo federal ou estadual) ou privadas (instituições particulares e comunitárias). Posteriormente, os cursos foram classificados por área do conhecimento sendo que, para isso, foi utilizada a Tabela de Áreas do Conhecimento, versão 2016, disponível no sítio do CNPq (Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico).

Para conhecer a estrutura dos cursos, buscou-se identificar a quantidade de semestres (duração) dos mesmos, o número de disciplinas relacionadas ao empreendedorismo e o(s) estágio(s) do curso em que são oferecidas, se no início (do 1º ao 3º semestre), no meio (4º ao 6º semestre) ou no final do curso (7º semestre em diante). A figura a seguir apresenta a sistematização da pesquisa.

Figura 1 - Sistematização da pesquisa



Relacionado às disciplinas de empreendedorismo, considerou-se apenas a denominação (nome) da disciplina, sem avaliação das ementas. Da mesma forma que a pesquisa Endeavor/SEBRAE, considerou-se como disciplinas de empreendedorismo as que contivessem a palavra “empreendedorismo”

em sua denominação e outras que tivessem como título: gestão (e/ou criação) de novos negócios, (elaboração de) plano de negócios, gestão de pequenos negócios, inovação e tecnologia, negócios familiares e franquias. Embora pudessem constar nas ementas, foram consideradas apenas temas que constassem como disciplinas nas grades/matrizs curriculares, e não como parte das ementas.

Todos os dados utilizados são de origem secundária, provenientes de pesquisa bibliográfica, pesquisa Endeavor/SEBRAE e dos sites das universidades em estudo. A partir das coletas, foram elaborados tabelas e gráficos por meio de planilhas eletrônicas (software) que possibilitaram a análise e chegar a conclusões mais concretas sobre as características dos cursos de graduação e do ensino do empreendedorismo nas universidades dos Coredes Norte e Produção do Rio Grande do Sul.

## Pesquisa Endeavor/SEBRAE

Em 2016, a Endeavor Brasil e o SEBRAE realizaram a quarta edição da pesquisa “Empreendedorismo nas Universidades Brasileiras”, que contou com a participação de 2230 alunos e 680 professores pertencentes a mais de 70 instituições de ensino superior de todas as regiões do Brasil. Este estudo objetivou direcionar as estratégias das universidades e das lideranças que trabalham com o tema no Brasil, sejam professores ou formuladores de políticas públicas. Além disso, buscou entender como o ensino superior estimula os alunos a serem empreendedores, como preparar melhor os professores e agentes universitários para este desafio, e quais os tipos de ações são tomadas nesse sentido na atualidade. (ENDEAVOR/SEBRAE, 2016).

A pesquisa Endeavor/SEBRAE abordou as perspectivas do aluno (perfil, desejos e desafios), da universidade (oferta de discipli-

nas de empreendedorismo, iniciativas extracurriculares e a interação com o ecossistema empreendedor local) e dos professores (papel do professor, suas experiências e práticas empreendedoras).

De acordo com a pesquisa, quanto maior o envolvimento com a temática empreendedora, maior a proporção de alunos que realizaram disciplinas relacionadas ao tema. Cerca de 46% de alunos empreendedores já cursaram essas disciplinas, número superior ao de potenciais empreendedores (38,8%), que por sua vez é superior ao de alunos que não pensam em ter um negócio (24%). Esta informação reforça a importância da abordagem do empreendedorismo no sistema de ensino. (ENDEAVOR/SEBRAE, 2016).

Ainda, entre os potenciais empreendedores, a maioria dos alunos (69%) que pretende empreender em até 3 anos já cursou disciplinas de empreendedorismo, comparada aos alunos que não têm prazo para empreender. Há, então, uma relação direta entre esses dois fatores.

Há um efeito positivo em todos os aspectos de se empreender quando o aluno cursa uma disciplina de empreendedorismo, mesmo que a diferença não seja tão significativa. Por exemplo, 66% dos alunos acreditam que as disciplinas de empreendedorismo são essenciais para prepará-lo para empreender. Um dos motivos para isso é que a inspiração para empreender destaca-se como tema de 54,4% das disciplinas de empreendedorismo. Ela tem uma função importantíssima para a cultura empreendedora da universidade ao instigar os alunos a considerarem o empreendedorismo como opção de carreira. (ENDEAVOR/SEBRAE, 2016).

Não há apoio para o empreendedor que está iniciando seu negócio, o que poderia ser corrigido caso disciplinas abordassem temas como criação de novos negócios e gestão de pequenos negócios, o que ocorre apenas em 7,6% e 6,8% dos casos, respectivamente. O

mesmo acontece para o empreendedor que busca expandir com franquias, inovação e tecnologia, temas presentes em apenas 2,9% e 7,6% das disciplinas de empreendedorismo, respectivamente. (ENDEAVOR/SEBRAE, 2016).

Ao mesmo tempo em que são limitadas do ponto de vista do seu conteúdo, também o são em relação à sua acessibilidade. Somente 28,4% dos universitários já cursaram uma disciplina diretamente relacionada ao empreendedorismo. Entre aqueles que não cursaram, um terço apontou que o principal motivo está relacionado a acesso à disciplina: 21,2% não o fez, porque o seu curso não oferece a disciplina e 12,7%, porque sequer sabe se há alguma disciplina de empreendedorismo disponível em sua instituição de ensino. Por outro lado, 61,5% dos professores afirmaram que sua universidade oferece alguma disciplina de empreendedorismo. É uma divergência que pode indicar, junto aos dados a seguir, que as disciplinas estão concentradas em cursos específicos.

Em cerca de 50% dos cursos de engenharias e ciências sociais aplicadas (administração e outras), há disciplinas de empreendedorismo. Em contrapartida, outras áreas de conhecimento têm pouquíssima oferta de disciplinas, como ciências agrárias, da saúde, biológicas e humanas - em torno de 30% de oferta das disciplinas para esses cursos.

Uma maneira de ampliar e democratizar o acesso a elas é permitir que sejam frequentadas por alunos de diferentes cursos, o que é o caso de disciplinas abertas/sem restrições, presentes em somente 35,5% das instituições. Disciplinas transversais, em que alunos de diferentes cursos interagem na mesma sala de aula, também são adotadas por somente 41,1% das universidades. (ENDEAVOR/SEBRAE, 2016).

Essa troca é importante para aumentar o acesso às disciplinas e também para que o aluno conheça outros alunos de diferentes

formações e referências. Empreender é uma prática interdisciplinar e muitos futuros sócios ou parceiros podem se encontrar em disciplinas de empreendedorismo.

De acordo com os resultados da pesquisa Endeavor/SEBRAE (2016), a maior quantidade de disciplinas de empreendedorismo está disponível nos cursos de administração e negócios (74%), seguidos pelas engenharias (56,1%), outros cursos das ciências sociais aplicadas (48,9%), ciências exatas e da terra (42,7%), ciências humanas (37,1%), disciplinas abertas/sem restrição (35,5%), ciências biológicas (30%), linguística, letras e artes (29,3%), ciências da saúde (28,9%) e ciências agrárias (24,3%).

Cerca de 44% dos professores afirmam que elas são distribuídas de maneira uniforme durante o curso, estratégia curricular com mais potencial de gerar impacto sobre o alunos, já que terão mais tempo para se preparar e absorver conhecimento e prática. Apesar disso, mais da metade afirma que as disciplinas de empreendedorismo se concentram ou nos últimos semestres do curso (36,5%) ou no início (14,1%). Ambas as formas acabam por não ser, a priori, o melhor para a formação empreendedora dos alunos já que, quando dadas no início, eles ainda têm uma longa jornada na universidade, na qual serão pouco expostos ao tema. Quando ao final, as disciplinas de empreendedorismo, em geral focadas em inspiração e introdução acabam tendo pouco impacto sobre o aluno, pois ele não conseguirá se aprofundar no assunto, visto que estará no fim do seu curso ou mesmo já terá uma carreira encaminhada. (ENDEAVOR/SEBRAE, 2016).

São diversas as iniciativas que podem promover e estimular o empreendedorismo nas universidades, como atividades de pesquisa (bolsas para pesquisadores, infraestrutura e professores envolvidos com empreendedorismo, comportamento empreendedor), eventos (feiras de empreendedorismo, rodas de con-

versa com empreendedores, competições de ideias de negócio, planos de negócio e outros) e programas extracurriculares (parques tecnológicos, incubadoras e aceleradoras, serviços de apoio ao negócio, mentorias, laboratórios de empreendedorismo e/ou inovação/criatividade, entre outros).

## Ensino do Empreendedorismo na Região Planalto/Norte do Rio Grande do Sul

A partir da coleta de dados, foram identificados 127 cursos presenciais na região do estudo, dos quais foram obtidas informações de 121 cursos, 95,3% do total. Os seis cursos não incluídos na pesquisa são ofertados por uma instituição que não dispõe das grades curriculares em seu site na internet, nem as disponibilizou para fins da pesquisa. Dos 121 cursos, 22 são de instituições públicas (18,2%) e 99 de instituições privadas (81,8%). Ainda, 72 cursos são ofertados no Corede Produção (59,5%) e 49 no Corede Norte (40,5%).

Quanto às áreas do conhecimento, os cursos estão distribuídos da seguinte forma: ciências exatas e da terra (7,4%), ciências biológicas (4,1%), engenharias (21,5%), ciências da saúde (18,2%), ciências sociais aplicadas (28,1%), ciências humanas (11,6%), linguística, letras e artes (3,3%), e outros (5,8%).

Quanto à existência da disciplina de empreendedorismo, 57% dos cursos não oferece nenhuma disciplina, 38% oferecem uma disciplina, 3,3% oferecem duas disciplinas e 1,7% oferecem três disciplinas. Nenhum curso oferece 4 disciplinas ou mais. Nas instituições de ensino públicas, 73% dos cursos não oferecem nenhuma disciplina de empreendedorismo, já nas privadas, não há disciplina de empreendedorismo em 54% dos cursos.

Na pesquisa Endeavor/SEBRAE, os cursos das áreas das ciências sociais aplicadas e engenharias são os que concentram a maior quantidade de disciplinas de empreendedorismo. Estes resultados também se verificam nos cursos que fazem arte deste estudo.

**Tabela I** - % de cursos que oferecem disciplinas de empreendedorismo

Área do conhecimento	% de cursos com disciplina de empreendedorismo
Ciências exatas e da terra	100%
Linguística, letras e artes	75%
Engenharias	65%
Ciências biológicas	60%
Ciências sociais aplicadas	44%
Ciências humanas	21%
Ciências da saúde	4%

Conforme apresentado na Tabela I, destaca-se que todos os cursos da área de ciências exatas ou da terra oferecem pelo menos uma disciplina de empreendedorismo, assim como 3/4 dos cursos da área de linguística, letras e artes. Também, mais da metade dos cursos das áreas das engenharias e das ciências biológicas oferecem conteúdos empreendedores aos seus alunos, respectivamente 65% e 60% dos cursos.

Nem todos os cursos das ciências sociais aplicadas, uma das principais áreas para a formação de empreendedores, dão ênfase ao empreendedorismo. Apenas 44% dos cursos desta área oferecem estas disciplinas aos seus alunos. Complementando a pesquisa, os cursos da área das ciências humanas e ciências da saúde são os que menos oferecem conteúdos sobre empreendedorismo. Respectivamente, 21% e 4% dos cursos destas duas áreas do conhecimento contêm disciplinas de empreendedorismo em suas grades curriculares.

Quanto à distribuição dos conteúdos nas grades curriculares, as disciplinas de empreendedorismo são ofertadas 12% no início dos



curso (do 1º ao 3º semestres), 6% na metade (4º ao 6º semestres) e 76% são ministradas no fim dos cursos (7º semestre em diante). Em apenas 6% dos casos as disciplinas estão distribuídas mais uniformemente ao longo dos cursos. Como se pode notar, as disciplinas estão concentradas no final do ciclo de formação.

Os principais conteúdos sobre empreendedorismo que constam nas grades dos cursos são: empreendedorismo (35,5%), inovação e tecnologia (13,2%), inovação (12,4%) e gestão de novos negócios (10,7%). Disciplinas relacionadas com a elaboração de planos de negócio, criação de novos negócios, franquias, negócios familiares, empreendedorismo social e gestão de pequenos negócios não constam nas grades curriculares dos cursos analisados.

## Conclusão

Com a pesquisa, foi possível identificar que, relacionado aos cursos superiores presenciais, predominam as instituições de ensino particulares na região estudada, uma vez que mais de 80% dos cursos são ofertados por este tipo de instituição.

Percebeu-se, também, assim como ocorreu na pesquisa Endeavor/SEBRAE, que os cursos estão concentrados principalmente em três áreas do conhecimento, nesta ordem: ciências sociais aplicadas, engenharias e ciências da saúde. Em conjunto, estas três áreas representam 67,8% dos cursos ofertados nos Coredes Norte e Produção do estado do Rio Grande do Sul.

Nota-se, também, que mais da metade dos cursos (57%) não oferece nenhuma disciplina de empreendedorismo e que nas instituições públicas é onde se verifica a menor oferta de conteúdos empreendedores. Apenas 27% dos cursos de instituições públicas oferecem pelo menos uma disciplina de empreendedorismo.

Das instituições privadas, 46% das grades curriculares contêm disciplinas de empreendedorismo.

Importante destacar que todos os cursos da área de ciências exatas ou da terra oferecem pelo menos uma disciplina de empreendedorismo, assim como 3/4 dos cursos da área de linguística, letras e artes. Também, mais da metade dos cursos das áreas das engenharias e das ciências biológicas oferecem conteúdos empreendedores aos seus alunos, em respectivamente 65% e 60% dos cursos.

Em contrapartida, nos cursos da área das ciências sociais aplicadas, uma das principais formadoras de empreendedores, 44% das matrizes curriculares oferecem este tipo de conteúdo aos seus alunos. Por exemplo, em todos os cinco cursos de Direito pesquisados, em dois cursos de Ciências Contábeis e quatro (de nove) cursos de Administração não são disponibilizadas disciplinas de empreendedorismo.

Complementando a pesquisa, os cursos das áreas das ciências humanas e ciências da saúde são os que menos potencializam a formação de empreendedores. Respectivamente, 21% e 4% dos cursos destas duas áreas do conhecimento apresentam disciplinas de empreendedorismo em suas grades curriculares.

Como foi possível identificar, a oferta de disciplinas de empreendedorismo no sistema de ensino, advogado por Dolabela (1999) e Dornelas (2001), não ocorre em mais da metade dos cursos contemplados nesta pesquisa. Uma maneira de ampliar e democratizar o acesso às disciplinas, de acordo com a Endeavor/SEBRAE (2016), seria permitir que alunos de diferentes cursos frequentem disciplinas abertas/sem restrições ou de disciplinas transversais, em que alunos de diferentes cursos interagem na mesma sala de aula.

As disciplinas abertas/sem restrições dispensariam a necessidade de disponibilizar disciplinas apenas para um curso específico

e aumentaria a interação entre os acadêmicos de diferentes áreas do conhecimento. A troca de experiências é importante para aumentar o acesso às disciplinas e também para que o aluno conheça outros alunos de diferentes formações e referências. Empreender é uma prática interdisciplinar e muitos futuros sócios ou parceiros podem se encontrar cursando as disciplinas de empreendedorismo. (ENDEAVOR/SEBRAE, 2016).

Há uma concentração das disciplinas no final do ciclo de formação dos acadêmicos. Dos 52 cursos em que há oferta de disciplinas, 12% oferecem no início dos cursos (do 1º ao 3º semestres), 6% na metade (4º ao 6º semestres) e 76% são ministradas no fim (7º semestre em diante). Em apenas 6% dos cursos, as disciplinas estão distribuídas de maneira uniforme na grade curricular.

As disciplinas de empreendedorismo concentradas no início ou no fim dos cursos acabam por não ser, a priori, o melhor para a formação empreendedora dos alunos já que, no início dos cursos os alunos ainda têm uma longa jornada na universidade, na qual serão pouco expostos ao tema. No início, ainda precisam acumular informações e experiências para que possam despertar para o empreendedorismo. Quando ao final, as disciplinas de empreendedorismo, em geral focadas em inspiração e introdução, acabam tendo pouco impacto sobre o aluno, pois ele não conseguirá se aprofundar no assunto, visto que estará no fim do seu curso ou mesmo já terá uma carreira encaminhada. (ENDEAVOR/SEBRAE, 2016).

A melhor combinação seria, de acordo com a Endeavor/SEBRAE (2016), a distribuição ao longo do curso. A distribuição de maneira uniforme durante o curso é a estratégia curricular com mais potencial de gerar impacto sobre os alunos, já que terão mais tempo para se preparar, absorver conhecimento e prática e buscar os conhecimentos complementares necessários para a jornada empreendedora.

No que se refere aos conteúdos sobre empreendedorismo, os principais temas/nomenclaturas que constam nas grades dos cursos são: empreendedorismo (35,5%), inovação e tecnologia (13,2%), inovação (12,4%) e gestão de novos negócios (10,7%). Estas disciplinas têm função importantíssima para a cultura empreendedora da universidade, ao instigar os alunos a considerarem o empreendedorismo como uma opção para a carreira profissional. (ENDEAVOR/SEBRAE, 2016).

De acordo com a Endeavor/SEBRAE (2016), depois que os alunos se tornam empreendedores em potencial, e futuramente empreendedores de fato, é possível ver que as instituições brasileiras não possuem uma estrutura completa que os apoiem em sua jornada. Não há apoio para o empreendedor que está iniciando seu negócio, o que poderia ser corrigido caso disciplinas abordassem temas como criação de novos negócios e gestão de pequenos negócios.

Tal falta de estrutura evidenciou-se neste estudo, uma vez que disciplinas específicas como elaboração de planos de negócios, criação de novos negócios, franquias, negócios familiares, empreendedorismo social e gestão de pequenos negócios não constam nas grades curriculares dos cursos pesquisados. Estes temas podem, eventualmente, constar nas ementas das disciplinas, entretanto, isto não foi objeto desta pesquisa, uma vez que demandaria pesquisar as ementas de todas as disciplinas ofertadas nos 121 cursos. Além disso, o fato de o tema constar nas ementas não é garantia que este seja explorado em sala de aula ou relacionado com a necessidade do empreendedor, uma vez que a aplicação dependeria da iniciativa, formação e experiência do professor.

A oferta de poucas disciplinas (ou disciplinas isoladas) relacionadas ao empreendedorismo, sem o desenvolvimento de outras atividades que possam servir de

complemento, acaba tornando esta iniciativa pouco efetiva. De forma que, aparentemente, a formação de empreendedores não parece ser o foco de grande parte dos cursos pesquisados.

Da mesma forma, proporcionar iniciativas extracurriculares, como incubadoras e aceleradoras, mentorias, laboratórios de empreendedorismo e/ou inovação/criatividade, parques tecnológicos, entre outros, se tornam de pouca efetividade caso os alunos não tenham a possibilidade de receber uma formação/qualificação para empreender.

Aspecto importante para estimular e disseminar a prática empreendedora é realizar uma reflexão sobre a conexão que existe entre as universidades e o mercado. Conforme indicam a Endeavor/SEBRAE (2016), um passo fundamental para formar mais e melhores empreendedores é aproximar as universidades do mercado, dos empreendedores e da comunidade em geral. Isso fará com que as instituições desenvolvam ações que estejam mais alinhadas com a demanda dos universitários e do mercado.

Outros aspectos importantes a considerar são a formação e a experiência empreendedora dos professores, uma vez que estes podem exercer influência sobre os alunos, podendo ser mentores ou inspiradores para os futuros empreendedores. Os docentes são os promotores do empreendedorismo nas universidades e precisam fazer parte do ecossistema empreendedor das cidades, por isso, a experiência empreendedora (aliada ao conhecimento teórico), é fundamental para que esta atividade tenha pleno êxito.

A formação de mais e melhores empreendedores pode trazer benefícios à sociedade. Esta pesquisa pode contribuir para uma reflexão acerca da atuação das instituições de ensino, públicas e privadas, relacionado ao tema. As informações apresentadas são inéditas no âmbito regional. São também relevantes, pois o estudo envolve mais de uma centena de cursos de graduação e mais de uma dezena de instituições de ensino superior. Ainda, os resultados da pesquisa podem ser acessados e utilizados como subsídio por qualquer pessoa ou instituição que se interessar pelo tema.

## REFERÊNCIAS

- BARON, R. A.; SHANE, S. A. **Empreendedorismo**: uma visão do processo. São Paulo: Cengage Learning, 2011.
- BARRETO, L. P. Educação para o empreendedorismo. **Educação Brasileira**, v. 20, n. 41, p. 189-197, 1998.
- BECKER, G. V.; LACOMBE, B. M. B. Colocando luz em quem tem “ideias luminosas”: competências do empreendedor de base tecnológica. In: XXVII EnANPAD: Atibaia, SP. **Anais...** Rio de Janeiro: ANPAD, 2003.
- DOLABELA, F. **Oficina do empreendedor**: a metodologia de ensino que ajuda a transformar conhecimento em riqueza. São Paulo: Cultura, 1999.
- \_\_\_\_\_. **Pedagogia Empreendedora**. São Paulo: Cultura, 2003.
- \_\_\_\_\_. A corda e o sonho. **Revista HSM Management**, ed. 80, p. 128-132, 2010.
- DORNELAS, J. C. A. **Empreendedorismo**: transformando ideias em negócios. Rio de Janeiro: Campus, 2001.

- \_\_\_\_\_. **Empreendedorismo**: transformando ideias em negócios. Rio de Janeiro: Elsevier, 2008.
- ENDEAVOR/SEBRAE. **Empreendedorismo nas universidades brasileiras**. Endeavor Brasil / SEBRAE, 2016.
- GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 3. ed. São Paulo: Atlas, 1996.
- HISRICH, R. D.; PETERS, M. P. **Empreendedorismo**. 5. ed. Porto Alegre: Bookman, 2004.
- JONES, C.; ENGLISH, J. **A Contemporary approach to entrepreneurship education**. Education + Training, v.46, n.8/9, p.416-423, 2004.
- McCLELLAND, D. C. n-Achievement and entrepreneurship: a longitudinal study. **Journal of Personality and Social Psychology**, v. 1, n.4, p. 392-396, 1965.
- NORTH, D. **Instituciones, cambio institucional y desempeño económico**. México: Fondo de Cultura Económica, 1990.
- SCHUMPETER, J. A. **Teoria do desenvolvimento econômico**: uma investigação sobre lucros, capital, crédito, juro e ciclo econômico. São Paulo: Abril Cultural, 1982.
- SIQUEIRA, M. M.; GUIMARÃES, L. O. Estratégias empreendedoras de negócios tupiniquins. XXVI EnANPAD: Salvador, 2002, **Anais...**, Salvador: EnANPAD, set. 2002.
- TOYOSHIMA, S. Instituições e desenvolvimento econômico: uma análise crítica das ideias de Douglass North. **Estudos Econômicos**, v.29, n.1, p. 95-112, 1999.
- VERGARA, S. C. **Projetos e relatórios de pesquisa em administração**. 11. ed. São Paulo: Atlas, 2009.